

¶ O pedagogo-escritor, cujos discipulos aprendem a tirar beleza da pobre vida que os cerca.

Angelo Patri, mestre de pais e filhos

(Condensado do «Christian Herald»)

Por Dorothy Canfield Fisher

PUDESSEMOS NÓS saber o que é que faz uma criatura humana tão diferente de outra! Considere-se, por exemplo, um tipo como o de Angelo Patri, cidadão americano, italiano de berço, que tem concorrido—e, ainda hoje, depois dos 60 anos, não se dá por fatigado—com uma das mais belas contribuições para a vida cultural dos Estados Unidos.

Veio para a América do Norte em mil oitocentos e oitenta e tantos, em companhia de pai e mãe, quase desprovidos, um e outra, de qualquer educação. Centenas de milhares de estrangeiros emigravam, àquela época, para os Estados Unidos. Um deles — pálido e delgado menino italiano—trouxe para a nossa vida, dura e prática, elementos de beleza, e alegria, e ternura, que, através de sua atividade jornalística, têm melhorado o ambiente de família num sem-número de lares, ao mesmo tempo que, por sua ação, no caráter de professor e diretor de escola pública de grande cidade, abriu as portas para uma vida melhor a milhares de crianças norte-americanas. Seu amor da vida, seu respeito pela dignidade humana, seu interesse em ser compreendido, ainda pelos meninos, ou pais, de espírito mais atrasado ou maneiras mais difíceis, não bastam para explicar essa espécie de magia a que se deve a influência verdadeiramente benéfica, por ele exercida

com tanto êxito sobre centenas de milhares de pessoas, no seio do que se chama vulgarmente a gente do povo.

Entretanto os alunos, em número superior a dois mil, da grande escola pública que ele dirige há vinte e sete anos, ignoram, por seu turno, as suas relações com um mundo assim tão mais largo. Aquele homem de cabeça branca é apenas, ao que sabem, o diretor de uma escola onde se lhes ensina a recolher interesse e beleza, das coisas simples e materiais da vida, ao seu e ao alcance de todos.

Se bem que Angelo Patri houvesse chegado a Nova York aos cinco anos de idade, é ele próprio quem diz que só aos doze deixou, em realidade, a Itália, pois os imigrantes italianos daquele período timbravam em conservar o mais possível, na nova terra em que se fixavam, os modos e métodos do país de origem. Aos vinte anos, concluiu o curso no City College de Nova York, e, aos vinte e um, tornou-se professor de escola pública. Julgando-se mal preparado, encarava timidamente as responsabilidades a assumir. Quando, porem, se estabeleceu o contacto entre o jovem ítalo-americano e a função educacional, um fenómeno ocorreu, como o de certas fusões em laboratórios químicos, de que se origina alguma coisa inteiramente nova. O novo produto, no caso, foi a intuição, que lhe acudiu, dos erros la-

mentáveis que se vinham cometendo em matéria de educação.

O peor de tais erros será talvez o exagero com que se estima o valor dos que armazenam conhecimentos adquiridos em livros. Nos primeiros tempos da Idade Média, dava-se o mesmo exagero, mas relativamente à força física. Certos pais se orgulhavam dos pequenos, de largas espáduas, que se mostravam mais aptos para brandir a espada, e injetavam o veneno da inferioridade nos que se distinguiam tão somente pelos primores da inteligência.

Não é menos grave a falta em que incide a nossa época, limitando-se a dar importância aos que lêem, e aprendem com rapidez o que leram, ou triunfam em jogos atléticos, ou manobram maquinarias. Crianças ou jovens, dotados de outros dons inestimáveis, ficam relegados à penumbra, com a agravante de menosprezo. Continuamos entretanto a desanimar as crianças que não são capazes de distinguir-se nos gêneros de exibição atualmente em voga, tendo, contudo, outras capacidades que, devidamente aproveitadas, seriam uteis à sociedade.

É a este último grupo, bem mais numeroso do que se imagina, que Patri consagrou, de preferência, a sua vida de pedagogo. A Escola Pública nº 45, de Nova York, é uma grande estrutura simples, situada numa zona de casas iguais e sem nenhum atrativo, onde, por via de regra, mora gente que tem sempre andado a braços com a escassez de recursos e a incerteza. As famílias, por ali, têm, em geral, adotado o dogma dos novos tempos, segundo o qual só tem valor o que custa dinheiro, renunciando à velha tradição que reconhecia às mãos humanas o poder criador de utilidade e beleza. A meninada, porem,

quando entra na escola de Patri, como que volta ao passado, retomando costumes antigos. Há na escola toda sorte de «oficinas». Quando um americano diz «oficina», tem em vista um lugar cheio de rodas, mecanismos e engrenagens. Mas aí, só na tipografia se verá o que um ianque considerará maquinaria. O que enche as oficinas são utensílios de tecer, imprimir, esculpir, jardinar, pintar, coser, fazer trabalhos em couro,— em suma, instrumentos próprios para todas as artes manuais.

Quando estive em visita à escola, num frio dia de março, alguns meninos cuidavam de roseiras numa grande área ajardinada. Defronte, num campo de esporte, outros, em grande número, celebravam com o beisebol o advento da primavera. O fato de estarem os primeiros, avidamente, pacientemente, a fazer, com toda a atenção, o que mais lhes agradava, aprendendo jardinagem, era bem característico. Quando fiz uma pausa a observá-los, pareceu-me que o espírito da escola pousava ao lado, a sorrir.

Ao penetrar no edifício, tive desde logo uma surpresa. Em vez do ambiente monótono, usual nas escolas públicas, havia uma nota de vivacidade, expressa no colorido, em toda a parte: quadros, decorações, tapeçarias, e os vermelhos e os azues e os amarelos, a quebrar a insipidez dos feios assoalhos e paredes. Olhando para qualquer das portas, era a mesma impressão que eu recolhia, de espírito criador, confiante e alegre, ainda mais de estranhar quanto é certo que floria num bairro tão desolado e tão utilitário da cidade. Os assuntos da pintura das janelas eram, não raro, religiosos, e algumas vezes de inspiração arrojada—imagens, por exemplo, de Jesús, de Deus, beneficente e poderoso.

Foi com emoção bem mais viva do que posso gravar no papel, que parei a fitar maravilhado uma expressão de Deus, consoante a concepção de um garoto de 14 anos, do Bronx.

Quando entrei na sala de Angelo Patri, um rapazinho alto e esbelto estava para sair, em companhia do pai. O diretor restituía-lhe uma escultura em madeira de uma velha sentada. «Belo trabalho!» dizia Patri. «O senhor deve ter orgulho de um filho que faz tal peça de escultura. Deixam que ela fique aqui, em exposição, por algum tempo?»

O pai se mostrava embaraçado e perplexo. O pequeno, radiante. Não tirava os olhos dos do pai, feliz, a mais não poder, do orgulho que lhe inspirava. Não menos expressivo, contudo, era o olhar com que Patri contemplava, embevecido, a face iluminada do rapaz. É que sorria na sua própria uma felicidade tranquila, tão raro notada nas faces da nossa era, como a pintura, em janelas, de um Deus beneficente, por mãozinhas maltratadas de meninos pobres da cidade.

Depois que os dois saíram, Patri fez-me sentar numa cadeira, próximo da sua secretária, e disse-me:

—Aquele menino entrou para a escola no começo deste ano, depois de setenta e tentativas inúteis. «Eu não posso aprender nada,» declarou-me num tom convencido. «Meu pai diz que eu não presto. Eu ganho logo um grau zero. Quanto mais depressa o senhor me ponha fora daqui, melhor.»

—Mas, observei eu, fitando de perto os olhos na madeira esculpida — isto está realmente muito bom.

—Sem dúvida, respondeu Patri, pacientemente.

Fomos à biblioteca. Cada livro com uma marca de papel branco era um dos

que os próprios alunos haviam reenca-ternado na respectiva oficina, de maneira a duplicar-lhes a duração média. Alguns meninos seguiam depois, na vida, com o ofício de encadernadores. Outros faziam daquilo um degrau para subir, como foi o caso de um pequeno que veio a pagar depois as despesas com a sua educação, encadernando os livros da própria casa de ensino em que se matriculou.

Patri e a bibliotecária, com um sorriso de satisfação que não podiam conter, mostraram-me um livro que acabava exatamente de ser admitido às estantes. Era feito à mão, com ilustrações também manuais, bem encadernado, em tudo de ótimo aspecto. Tratava de coelhos, do modo de criá-los e vendê-los. Sendo-me o assunto desinteressante, pois nada entendo de coelhos, senti-me em absoluto indiferente, mas só até o momento em que a bibliotecária me explicou que o livro fora feito, todo ele, por um menino de tão baixas notas, que se chegou a pensar na necessidade de prestar-lhe algum cuidado maior. Aquele realmente «não prestava». Nenhuma oficina lhe despertava interesse. Em leitura e escrita, nem se fala; era deveras inqualificável. Desanimado, inerte, mostrava-se, em toda a linha, um peso morto. Mas a Escola Pública nº 45 tinha por norma não desesperar. Procurando ganhar tempo, mandavam-no todos os dias para a biblioteca, a espanar a poeira dos livros. Atenta a qualquer sinal que revelasse, no jovem, a presença do ouro oculto de algum interesse na vida, notou a bibliotecária que ele parou, por duas ou três vezes, no mesmo local, retirando da estante o mesmo livro. Observando, sem se deixar perceber, verificou que eram estampas de coelhos o que lhe atraía a atenção.

—Gosta de coelhos? perguntou-lhe como por acaso.

—Gosto, respondeu o pequeno.—Eu faço criação de coelhos.

Foi o bastante. Já se sabia agora onde cavar, ao encaço do veio de ouro.

Para mais aprender sobre coelhos, o pequeno aprendeu a ler. Para melhor explicar o seu sistema de alojar a criação, aprendeu a desenhar, inclusive a determinada escala. Para manifestar-se com clareza sobre alimentação e mercado, aprendeu a calcular—o que, em suma, o habilitou a abrir, no mundo moderno, o seu pequeno caminho. Dir-me-ão que, nas «escolas progressivas», não se passam as coisas de outra maneira. Mas aqui se trata de escola pública, e não de assunto ou matéria de teoria educacional, senão de um método prático de abrir uma porta para a vida a um futuro cidadão, que se vinha convencendo desde cedo da sua inutilidade, e a quem se restitue, antes de tudo, a confiança em si mesmo.

Surpreso e desvanecido, o mau aluno, tão desacreditado nas aulas, acabou por verificar que entendia mais de coelhos do que qualquer dos colegas. Não lhe foi difícil reconhecer que prestaria bom serviço à escola, se pusesse num livro tudo o que sabia sobre o assunto. Um livro deve ser claro (ele aprendeu a ser claro), deve ser completo (ele o elaborou com paciência), deve ser bem encadernado (ele trabalhou, durante meses, na oficina de encadernação). Agora, eis ali o seu livro, o livro que ele escrevera, na estante, ao lado dos outros, que já lhe não pareciam tão estranhos, nem se lhe afiguravam formidáveis, pois havia entre eles um, que saíra inteirinho das suas mãos.

—É um milagre! exclamei.

—Não, nada disso! protestou Patri, a

quem parecia que eu dramatizava um caso muito simples.—Perfeitamente natural.

A oportunidade de esforço continuado, sem qualquer preocupação de aodamento em concluir um serviço para dar começo a outro, é um dos mais preciosos elementos na vida da Escola Pública nº 45. Com efeito, outro erro perigoso, de que se ressentia a educação nos Estados Unidos, é o que consiste em sujeitar a criança ao trabalho apressado, julgando-a pela sua capacidade para viver e produzir com rapidez. Há muitos espíritos de primeira ordem, incapazes entretanto de bem funcionar num ritmo de pressa. Não há, na hipótese, nenhum senso de pressa, ou de ter qualquer coisa feita antes que toquem os sinos. Haverá amanhã, e depois e depois—o tempo que for preciso para levar a bom termo a tarefa iniciada.

O que mais me ocorre ao espírito, quando volto a pensar no caso da escola de Angelo Patri, é que todos nós somos capazes de realizar grandes coisas, desde que encontremos os meios, e sigamos o nosso pendor, e a satisfação resultante não pode ser substituída por qualquer outra.

Ao deixar o gabinete de Patri, admirei uma cabeça de bronze que estava na sua mesa. Era soberba, imensamente real, se bem que lhe não faltasse aquele traço de originalidade que se observa em toda boa arte.

—Quem fez isto? perguntei.

—Um garoto de 14 anos, respondeu Patri.

—E ele tem feito alguma coisa depois que saiu da escola?

—Como não? acrescentou, no mesmo tom de naturalidade.—É Antonio De Filippo. Você poderá ver trabalhos dele

nas portas dos edifícios das assembléias legislativas dos estados de Nebraska e Luiziana.

Os jovens que passam pela escola 45 tomam, ao sair, o seu lugar num mundo de criação e de trabalho. Outro aluno, John Amore, ganhou, há dois anos, o Prêmio de Roma, pelas suas obras de escultura. Nada disso é, para Patri, motivo de surpresa, nem lhe desperta maior interesse do que o seu serviço, dia

a dia, com os novos que vão chegando. Não tem ele o ar autoritário do professor carrancudo, nem os gestos protetores do adulto condescendente. Através dos longos e empolgantes anos que tem vivido a educar meninos e meninas, viu, bem de perto, o que eles podem fazer, e a altura a que podem chegar; e, convertido num hábito o trabalho criador, então esse trabalho se confunde com a sua própria vida.



« Pouco menos do que milagrosa, foi a maneira como os americanos fecharam a porta do Alasca aos nipões.

Na escada de assalto das Aleutas

Por William Clemmens

FOI POUCO menos do que por milagre que os japoneses não conseguiram infiltrar-se no Alasca, em junho de 42. A intenção deles, ao saltar nas Ilhas Aleutas, não era quedar-se nestas, mas estabelecer alí um ancoradouro de onde pudessem lançar-se ao assalto do continente americano propriamente dito.

Tiveram porem que desviar-se da sua rota, arripiar caminho, e finalmente dar às de vila-diogo para oeste. Essas três ilhotas de pesadelo—Attu, Agattu e Kiska—foram tudo quanto o Japão conseguiu ganhar com o seu ataque em massa, dirigido segundo a tática de «pinças» contra a Costa do Pacífico.

Um dos braços da pinça ficou encra-

vado em Midway. Vejamos agora o que sucedeu ao segundo, naquele histórico dia 2 de junho.

Ao abrigo das nuvens baixas e dos densos nevoeiros da região, o grosso das forças invasoras japonesas vinha pulando de ilha em ilha. (As Aleutas formam como que um rosário de alpondras ao largo da península de Alasca.) Já tinham deixado para trás uma força de desembarque em Attu, onde ocuparam a pequena estação de rádio e aprisionaram um branco e 96 indígenas. Mais perto do continente, na ilha deshabitada de Agattu, tinham instalado uma força de ocupação.

Entre eles e a terra firme encontrava-se porem Dutch Harbor, única apa-